



EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE CRISTÃOS LGBTs: UMA ANÁLISE OCUPACIONAL

The religious experience of LGBTs Christians: an occupational analysis

Fábio Lobato*

DOI: 10.29327/256659.14.1-2

RESUMO:

Pessoas LGBTs são, por vezes, alvo de preconceito de diferentes formas. Uma delas está relacionada à segregação imposta por sistemas religiosos dominantes que impedem o engajamento de pessoas religiosas em ocupações significativas em função de sua orientação sexual. O objetivo desta pesquisa foi compreender como pessoas LGBTs vivenciam sua religiosidade em sistemas religiosos cristãos. Cinco pessoas autodeclaradas cristãs e LGBTs, selecionadas pelo método de amostragem Bola de Neve participaram do estudo. As informações obtidas por meio de entrevistas semidirigidas, analisadas à luz da hermenêutica de Paul Ricoeur, desvelou a forma resiliente com que essas pessoas vivenciam sua religiosidade em sistemas religiosos que tradicionalmente os segregam. Entre expressões de desconforto e sofrimento, os participantes, à sua maneira, parecem comedir uma expressão religiosa que busca afirmar-se em seus modos de ser-no-mundo.

Palavras Chaves: Minorias Sexuais e de Gênero; Pessoas LGBT; Religião; Terapia Ocupacional.

* Pesquisador na área de religião e gênero. E-mail: fabioolibato@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Tratar sobre gênero e sexualidade nos diversos domínios da sociedade e das ciências, atualmente, ainda é uma tarefa delicada. Na confluência do campo religioso essa discussão é ainda mais difícil e, por vezes, acalorada, pois muitas religiões monoteístas ao redor do mundo ainda sustentam discursos segregadores, baseados em doutrinas e dogmas falocêntricas no que tange à diversidade sexual e de gênero. Outros sistemas religiosos, cordialmente, mantêm em seus ensinamentos discursos conservadores que, na maioria das vezes, acabam perpetuando pontos de vista preconceituosos e fundamentalistas sobre o tema (Busin, 2011, p. 118).

Apesar de algumas orientações religiosas abordarem a sexualidade não normativa de maneira não-excludente e mostrarem-se inclinadas a um movimento de abertura ao convívio religioso de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis ou Transexuais – LGBTs, ainda há no âmbito religioso ocidental, demarcado por sistemas predominantemente cristãos, notória exclusão e segregação dessas pessoas, principalmente por considerarem a homoafetividade uma forma pecaminosa de relacionamento (Ribeiro; Scorsolini-Comin, 2017, p. 09).

São cada vez mais comuns a ocorrência de lideranças religiosas que difundem pontos de vista patologizantes em torno de uma orientação sexual *desviante*, aditando ao argumento que prenuncia a possibilidade de *cura*, principalmente para àquelas pessoas que vivenciam conflitos internos relacionados à sua própria condição afetivo sexual (Ribeiro; Scorsolini-Comin, 2017, p. 03).

Não se pode afirmar que a raiz da LGBTfobia esteja ligada diretamente às religiões cristãs, entretanto, é necessário ponderar sobre as relações de poder que essa religião projeta na sociedade, reforçando discursos discriminatórios e atos de violência direcionados à população LGBT fruto de um fundamentalismo religioso sob a égide da moral cristã (Natividade; Oliveira, 2009, p. 156).

A religiosidade pode se constituir em um aspecto importante da vida de muitas pessoas que lhe atribuem diferentes intensidades e valores. Nesse sentido, as religiões, além dos dogmas e doutrinas, apresentam potencial de agentes formadores pessoais e sociais, geram ambiência, formam redes de afeto, além de ser uma via importante, mas não a única, de expressão da espiritualidade (Murakami; Campos, 2012, p. 363).

Ocupação é o termo que se refere às atividades as quais o indivíduo exerce e/ou se envolve diariamente, tendo um propósito, sentido e/ou significado atribuído pelo mesmo (Cavalcanti et al., 2015, p. 06). Partindo dessa concepção, pessoas LGBTs, ao existirem em uma sociedade patriarcal onde o padrão é a heteronormatividade, vivenciam restrições ocupacionais, ou seja, são impedidas, limitadas, proibidas de exercerem de forma plena alguma ocupação significativa, o que, muitas vezes, ocasiona prejuízos em sua qualidade de vida e modos de ser-no-mundo (Melo, 2016, p. 220). As ocupações religiosas fazem parte desse leque de possibilidades tangenciadas pelas repercussões segregacionistas em função das distintas identidades de gênero.

A *American Occupational Therapy Association* (AOTA) propõe uma tipologia que considera as ocupações humanas organizadas em atividades de vida diária (AVD), atividades instrumentais de vida diária (AIVD), gestão de saúde, descanso e sono, educação, trabalho, brincar/jogar, lazer e participação social (Gomes; Teixeira; Ribeiro, 2021, p. 09).

Para a Terapia Ocupacional, as ocupações referem-se às atividades diárias que as pessoas realizam como indivíduos, em famílias e com comunidades para preencher o tempo e trazer sentido e propósito à vida. As ocupações incluem atividades que as pessoas precisam, querem e se espera que façam (Wfot, 2012, p. 02 apud Gomes; Teixeira; Ribeiro, 2021, p. 09).

As ocupações relacionadas à vivência religiosa fazem parte das AIVDs e se caracterizam não somente por envolverem elementos que demarcam o pertencimento a alguma religião ou doutrina, mas também, pelo engajamento nas atividades de cunho religioso a fim de estabelecerem uma conexão com o sagrado e/ou com o transcendente (Cavalcanti et al., 2015, p. 21).

Ao discutir sobre as dificuldades de acesso de pessoas LGBTs às suas ocupações, Martínez (2017) destaca o impacto negativo desse acontecimento na condição e qualidade de vida dessas pessoas por conta da discriminação e de posturas excludentes capazes de restringi-los à sobrevivência nas margens da sociedade (p. 110). Esse tipo de discriminação não envolve apenas violência física, mas também discursos violentos, por vezes velados, mas carregados da reprodução social de estereótipos e julgamentos morais (Martínez, 2017, p. 108).

Diante deste cenário indaga-se sobre como pessoas que se autodeclaram religiosas e LGBTs vivenciam suas religiosidades em sistemas religiosos cristãos? Como pode ser analisada a segregação imposta por sistemas religiosos dominantes que impedem o acesso a ocupações significativas de pessoas religiosas em função de sua orientação sexual?

Neste artigo apresentamos os resultados de uma pesquisa que buscou analisar os modos como pessoas LGBTs lidam com os vários desafios que se apresentam a sua vivência religiosa, além de compreender como experienciam sua religiosidade em sistemas religiosos que historicamente os segregam.

Reitera-se a importância desta pesquisa ao debate sobre as diversas formas de segregação vivenciadas pela população LGBT, algumas explícitas e outras camufladas por discursos acolhedores e cordiais, religiosos ou não. Enfatiza-se ainda a vinculação da dimensão da saúde ao exercício satisfatório das ocupações significativas das pessoas. Wilcock (2006) em *Occupational Perspective of Health*, vincula esta noção de saúde à “integração social, apoio e à justiça, todos em conjunto e como parte de uma ecologia duradoura” (p.110). Nesse sentido, a pesquisa também permite que profissionais de distintas áreas possam somar no sentido da abordagem deste fenômeno que é plural e multifacetado.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de orientação fenomenológica e hermenêutica, voltada a descrever os significados e sentidos próprios de cada sujeito sobre os fenômenos vividos (Frota, 2010, p. 02).

A pesquisa qualitativa fenomenológica busca adentrar de maneira mais aprofundada nas singularidades de um acontecimento, além de proporcionar ao pesquisador o conhecimento da realidade pessoal do que está sendo abordado, permitindo desvelar aspectos da subjetividade do outro e os significados que permeiam determinadas vivências. Assim volta-se a descrever e compreender os fenômenos, além de conhecer os sentidos e significados das experiências vividas, tendo o indivíduo como o principal agente de sentido ao que se vivencia (Frota, 2010, p. 02; Andrade, 2010, p. 264).

O processo de obtenção dos dados baseou-se na realização de entrevistas semidirigidas que permitiram ao entrevistado discorrer livremente sobre a temática (Boni; Quaresma, 2005, p. 75) a partir de uma questão disparadora (ou norteadora): *Como é para você ser um cristão LGBT?*

Por se tratar de uma pergunta aberta, a questão apresentada oportunizou a aproximação dos participantes de suas experiências que, uma vez elaboradas e narradas, favoreceram o desvelamento de significados que tangem a experiência do fenômeno (Macêdo; Caldas, 2011, p. 10).

Os critérios de inclusão adotados foram: ser maior de 18 anos, declarar-se LGBT cristã e considerar-se participante assídua nas atividades religiosas das instituições nas quais congregam. Foram excluídas da pesquisa pessoas vinculadas a mais de uma orientação religiosa.

Para a seleção dos participantes optou-se pelo método não probabilístico de amostragem *Bola de Neve*, pois segundo Dewes (2013, p. 10), esse tipo de amostragem “pressupõe que há uma ligação entre os membros da população dada pela característica de interesse, isto é, os membros da população são capazes de identificar outros membros na mesma”, com isso, a primeira ação é encontrar membros que façam parte da população-alvo e, a partir disso, poderão indicar outras pessoas, potenciais participantes da pesquisa.

A primeira informante foi uma acadêmica de Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará (UEPA). O número total de informantes não foi determinado por cálculo amostral, mas pelo critério de saturação dos dados (Fontanella *et al.*, 2008, p. 20).

As entrevistas foram gravadas em áudio, transformadas em texto e foram submetidas à análise do discurso segundo os princípios da hermenêutica de Paul Ricoeur (2009), a partir dos atos do discurso que consistem em três níveis hierárquicos de atos de fala: o ato locucionário, o ilocucionário e o perlocucionário (Diniz; Pimentel, 2022, p. 05).

O ato locucionário refere-se ao próprio do dizer. Traz em seu conteúdo ações performativas, de cunho imperativo, que está presente nas falas e que exprimem em seu conteúdo ordens, pedidos, promessas etc. O ato ilocucionário se dá pelas manifestações não verbais do ato de dizer, como gestos e/ou fisionomia do interlocutor. Já o ato perlocucionário representa a repercussão do ato de dizer no interlocutor. Esse ato é determinado por um estímulo que gera uma resposta, deflagrando reações por parte do interlocutor como assustar-se, rir, chorar, entre outras (Diniz; Pimentel, 2022, p. 05).

A pesquisa foi submetida à apreciação pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos (CEP), do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da UEPA e aprovada sob o parecer n. 4.041.772.

Neste artigo, os participantes serão identificados através de pseudônimos, a fim de preservar a identidade e a confidencialidade das informações compartilhadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas cinco pessoas autodeclaradas LGBTs cristãs. Os entrevistados foram: uma mulher cisgênero¹ lésbica católica, um homem cisgênero gay protestante, uma mulher cisgênero bissexual espírita, um homem transgênero heterossexual católico e uma travesti protestante (esta não especificou sua orientação sexual).

Os discursos foram transformados em texto e analisados a partir de unidades de sentido. Este tipo de análise implica ao pesquisador um olhar mais profundo acerca do fenômeno descrito, além de auxiliar na compreensão dos dados obtidos e na fidelidade aos mesmos (GIORGI, 2008, p. 03).

Os pseudônimos utilizados para identificar os entrevistados foram P1, P2, P3, P4 e P5, referindo-se aos participantes (P) e a ordem na qual foram entrevistados (1, 2, 3, 4 e 5).

Quadro 1 – Perfil dos participantes da pesquisa.

| PARTICIPANTES | IDENTIDADE DE GÊNERO | ORIENTAÇÃO SEXUAL | ORIENTAÇÃO RELIGIOSA | TEMPO DE VIVÊNCIA RELIGIOSA |
|----------------------|-----------------------------|--------------------------|-----------------------------|------------------------------------|
| P1 | Mulher Cisgênero | Lésbica | Católica | 26 anos |
| P2 | Travesti | Não informado | Protestante | 11 anos |
| P3 | Homem Transgênero | Heterossexual | Católico | 8 anos |
| P4 | Mulher Cisgênero | Bissexual | Espírita | 09 anos |
| P5 | Homem Cisgênero | Gay | Protestante | 18 anos |

Fonte: Base de dados da pesquisa.

Foram elencadas 3 unidades de significação, sendo elas: vivência; segregação; persistência e perspectiva.

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO

VIVÊNCIA

¹ Pessoas cisgênero são aquelas que ao nascimento lhes foi atribuído o gênero de acordo com a sua genitália e se identificam com tal atribuição. Enquanto pessoas transgêneros são aquelas que não se identificam com o gênero atribuído ao nascimento (Jesus, 2012, p. 14).

Esta unidade aborda as diferentes formas de vivência religiosa dos informantes da pesquisa nas instituições religiosas de matriz cristã as quais se vinculam.

Mesmo sabendo da posição desfavorável de suas religiões sobre a homossexualidade, muitas pessoas LGBTs optam por seguir as orientações das instituições religiosas nas quais congregam. Através de suas vivências, essas pessoas reiteram a ideia de que é possível trabalhar uma flexibilidade e mudança dentro dos preceitos de suas orientações religiosas (Ribeiro; Scorsolini-Comin, 2017, p. 09).

Muita gente fala assim: ‘ah, como é que tu ficas na Igreja?’, totalmente desconfortável, né?! Porque eu vou para a igreja com a minha esposa e a gente fica naquelas brincadeirinhas no momento da pregação, lá da homília, que alguns padres ainda debatem essas coisas como pecado, mas a gente tenta filtrar aquilo que a gente tira de bom daquilo e o que a gente não tira de bom, né?! Porque eu acho que no fundo, se a gente peneirar, é isso que traz a religião: compreender o bem maior e passar esse bem para as pessoas. (P1).

P1, ao ser indagada sobre a forma que vivencia a sua religiosidade, não demonstra desconforto ou dificuldade, dando a impressão de que os episódios já vividos por ela não a afetavam mais. Parece querer demonstrar, assim, um certo domínio da situação, entretanto, utiliza durante o discurso atos ilocucionários que mostram pesar e desconforto, como se o ato de *peneirar* ainda fosse árduo. O olhar fugidio e expressões faciais que demonstram contrariedade, indicam que exercer a sua vivência religiosa ainda é um processo difícil. As razões para isso estariam relacionadas ao fato de ter que lidar com situações que a entristece e ainda ter que avaliar o que deve ou não levar em consideração dentro dos discursos proferidos no ambiente religioso.

Alguns informantes, muitas vezes, utilizam de seus próprios conceitos e interpretações sobre a perspectiva contrária do ambiente religioso para fazer de sua vivência religiosa, algo mais agradável e confortável (Ribeiro; Scorsolini-Comin, 2017, p. 07).

Infelizmente eles não me deixam estar lá na frente, mas eu vou pra igreja sim, fico lá atrás, mas vou. Já me barraram, mas eu não dou confiança e fico lá mesmo. De vez em quando algumas meninas que me conhecem da igreja me deixam ajudar elas a arrumar tudo pro culto e assim eu vou vivendo (P2).

P2 se utiliza de uma fala mais descontraída parecendo querer negar um constrangimento. Utiliza de uma fala mais despojada ao relatar a forma como vivencia sua religiosidade. Por alguns momentos, a entrevistada utiliza atos ilocucionários como quem deseja

demonstrar superioridade diante da situação, utilizando de gesticulações amplas, fora de seu eixo corporal, expressões faciais sisudas e postura corporal ereta.

A marginalização da vivência da travesti na sociedade vai muito além da condição da prostituição a que muitas estão sujeitas pela falta de oportunidade no mercado de trabalho. O ato de se sentir impedida de vivenciar sua religiosidade como gostaria à maneira dos demais fiéis reserva à P2 um lugar *lá atrás*, periférico da igreja. Trata-se de uma cena que reitera a existência de lugares pré-estabelecidos dentro da sociedade para as pessoas que variam com o grau de aceitação social dos nichos aos quais pertencem e transitam. Para aqueles que diferem do padrão heteronormativo cisgênero esses lugares sociais costumam ser marginais e inferiores (Sousa; Rocha, 2019, p. 377).

Hoje eu vivo a minha fé dentro da igreja, participo das missas, comungo. É o que me faz voltar ao meu eixo, entende?! É o que faz eu ter uma aceitação muito melhor do que eu sou e de que Deus me ama da maneira que eu sou. Sei que Nossa Senhora me acolhe e me ama como um filho dela... (P3).

O participante P3 porta-se com uma postura corporal firme, como quem demonstra total domínio sobre as reverberações que o seu discurso pode causar. Os atos ilocucionários que apresenta são controlados, quase nunca gesticula além do seu eixo corporal, sob uma postura rígida busca manter controle sobre si e sobre a situação da entrevista. Apresenta discurso direto e sucinto, sem deixar com que as afetações das experiências vividas e narradas interfiram na interação com o interlocutor. As ilocuições de P3 podem nos indicar a tentativa de manter-se confortável diante das vivências religiosas por seus próprios meios.

Eu vou para as palestras, pros grupos de ensino, sou uma das que fazem mediação nos grupos de estudo sobre o Evangelho, as pessoas sabem que eu sou bissexual, que eu não tenho que ficar dando satisfação da minha vida pra ninguém. Só que às vezes é muito difícil porque eles acreditam que até o fato da minha bissexualidade é uma fase, uma transição... como se eu estivesse confusa (P4).

O discurso de P4, por sua vez, demonstra um descontentamento em relação à vivência no Centro Espírita do qual faz parte. Mesmo mostrando-se segura em relação a sua orientação sexual e também ao seu papel dentro do Centro, o discurso de terceiros sobre a mesma ainda é um fator que a incomoda. Para a participante, quando os pares discutem

sobre a vida pessoal da mesma, estão colocando de lado sua competência enquanto facilitadora de grupos, o que, de certo modo, deslegitimaria o seu papel no Centro por conta de sua orientação sexual. Suas expressões faciais de contrariedade ao narrar situações por ela entendidas como negativas são reforçadas ao apontar incisivamente para o entrevistador como se estivesse legitimando sua fala.

O discurso de P4 é problematizador. Suscita um tema delicado que se vincula ao argumento difundido em alguns ambientes religiosos de que orientações sexuais diferentes da heteronormatividade são ilegítimos e poderiam ser revertidos, trazendo à tona discussões sobre técnicas, tratamentos e procedimentos que poderiam *curar* ou *libertar* essas pessoas (Ribeiro; Scorsolini-Comin, 2017, p. 03).

Sempre tive muito prazer em estar na igreja. Quando mais novo, eu me envolvia nas atividades e tudo mais, mas sempre por conta dos meus trejeitos eu sempre fui um pouco julgado, me olhavam estranho e tudo mais, e isso até dificultou bastante a minha aceitação também... Eu negava bastante interiormente, tinha medo do lance do inferno, sabe?! Tipo, enfim, e ao passar do tempo, fui amadurecendo as ideias, fui me reconhecendo, me aceitando, ficou mais difícil ainda porque eu achava um pouco hipócrita da minha parte, sabe?! De estar numa igreja, porque eu canto também, de estar encima de um altar e meio que estar fingindo ali, porque eles são contra tudo aquilo que eu não podia ser (P5).

Ao compartilhar sua experiência, P5 evidencia uma expressão de tristeza. Os atos ilocucionários manifestam-se através de olhar distante, como se rememorasse as situações já vividas e dolorosas. Expressa-se com pesar e utiliza palavras que dão ao sentido da fala uma carga de descontentamento. Sua respiração mostrava-se profunda e, por vezes, estabelecia longas pausas.

O relato de P5 ilustra a ocorrência de discursos impositivos e ameaçadores que podem ser utilizados em alguns ambientes religiosos. Esses acontecimentos, sejam voltados à manutenção de uma ordem ou doutrina, muitas vezes ocasionam sentimento de repulsa e o temor do castigo advindo desses *desvios* de sexualidade (Natividade; Oliveira, 2009, p. 145).

SEGREGAÇÃO

Esta unidade aborda os episódios de segregação e impedimentos da vivência religiosa dos informantes.

Aí as pessoas geralmente olham feio, saem de perto, as senhoras arredam (se afastam) do banco quando a gente se senta para missa, ou então preferem dar o lugar para outras pessoas sentarem, para não ficar perto. É como se não suportassem aquilo. Ficam me olhando, julgando mesmo, criticando, como se fosse um absurdo eu estar dentro de uma igreja e estar de mãos dadas com a minha esposa para rezar, fazendo um carinho. Quando estamos ouvindo algum louvor, música que marca muito a gente, a gente se abraça e faz um carinho, e as pessoas ficam olhando como se quisessem fuzilar... É muito difícil, muito difícil mesmo (P1).

Ao narrar o excerto acima, a postura de P1 que antes mostrava controle sobre as reverberações do discurso, agora muda, trazendo uma postura curvada, como se seu corpo escondesse de algo que necessitaria de proteção. No discurso, P1 traz episódios de constrangimentos que ao serem rememorados, seu corpo passa também a manifestar sua significância na experiência deste informante. Enquanto fala, poucas vezes mantém contato visual com o entrevistador. Manifesta-se com vergonha e desconforto ao narrar as situações. Mantém olhar baixo, por vezes mirando o chão. Em outros momentos fita suas mãos que fazem movimento de oponência entre os polegares. Seu tom de voz é mais baixo, por algumas vezes, sua voz chega a falhar.

A narrativa de P1 nos indica que a segregação desse grupo de pessoas nos contextos religiosos nem sempre se dá de forma abrupta e/ou violenta, todavia se apresenta de diversas formas dentro do convívio social. O repúdio da sociedade contra as pessoas LGBTs mostra-se de diferentes formas, através de julgamentos morais, exclusões explícitas ou veladas, além da própria negação de direitos básicos civis e perpetuação de estereótipos etc. (Natividade; Oliveira, 2010, p. 129).

Eu gosto muito de estar na igreja, de tá nas coisas que tem lá, mas naquela época eu não podia mais nem estar, nem fazer o que eu fazia porque eles não deixavam mais. Diziam que eu tinha primeiro que me converter e aceitar que o que eu estava vivendo. Era uma aberração da natureza e tal, e aí eu fiquei muito mal, saí de casa, saí da escola, me envolvi com coisa errada, com pessoas erradas e tudo mais. Acabei até usando droga, cheguei a fazer ponto (prostituição), porque ninguém quer dar emprego para a gente, principalmente para as travas (travesti). Ninguém quer saber da travesti, todo mundo ama que exista a travesti para usar a gente como exemplo das coisas erradas, mas ninguém contrata a gente. Todo mundo acha que a gente só serve para a prostituição e não é bem assim não! (P2).

[...] o antigo padre não deixava nem eu comungar... (P3).

P2, ao retratar um momento delicado de sua história, mostra-se emocionada. Sua postura corporal encurva-se rapidamente. Apesar de um discurso que traz em sua essência um *desabafo*, o tom de sua voz não demonstrava raiva, mas tristeza e inconformidade. Em poucos momentos durante o relato, P2 manteve contato visual com o entrevistador. Seu olhar mirava o chão, como se a vergonha e a tristeza tivessem tomado o lugar daquela postura forte e altiva que se sobressaía em outras situações.

P3, por sua vez, mostra-se sereno, mantendo-se ainda naquela postura firme. Poucas vezes se utilizava de gesticulações, restringindo-se, muitas vezes, apenas a acenos com a cabeça, controlando toda a situação.

P2 levanta um ponto importante sobre a vivência social de pessoas Transexuais e Travestis marginalizadas que é destacado por Melo (2016, p. 217) ao se referir à negação ao acesso de pessoas foras do padrão heterossexual cisgênero às suas ocupações, destacando o impacto negativo desse acontecimento na condição e qualidade de vida dessas pessoas.

Essa população é impedida de exercer ocupações significativas como educação, por exemplo, pois os ambientes educacionais formais, assim como muitos educadores, nem sempre estão preparados para a abordagem da diversidade sexual e de gênero o que, muitas vezes, resulta na evasão escolar. Também há segregação no âmbito do trabalho, por consequência de homofobia e transfobia vivenciadas nas empresas, principalmente com assédios morais (Melo, 2016, p. 217).

Teve uma vez que eu estava no ensaio e me chamaram para cantar numa igreja e eu não cantei porque o pastor chegou lá, me viu cantando, performando, sei lá o que eu estava fazendo, só estava cantando, sabe?! E ele não me deixou cantar, falou que eu não podia cantar porque eu era muito viadinho... Nunca esqueço disso, já faz um tempinho (P5).

O participante manifesta-se com pesar, como se a experiência vivida ainda causasse desconforto. Falar dessa experiência o faz balançar os pés de forma rápida, sua respiração fica ofegante. Mantém-se cabisbaixo, não olha para o entrevistador e, em certo momento, chega a lacrimejar.

As formas de LGBTfobia proferidas dentro dos sistemas religiosos variam: alguns utilizam discursos não hostil como uma forma de manter o indivíduo seguindo os dogmas e doutrinas impostos, outros preferem silenciar ou evitar que o assunto seja alvo de debate

entre os fiéis. Há também aqueles que se utilizam de discursos e estereótipos em suas falas, perpetuando uma visão negativa da diversidade sexual, o que pode causar sofrimento ao crente LGBT (Natividade; Oliveira, 2009, p. 128).

PERSISTÊNCIA E PERSPECTIVA

Esta unidade aborda as formas que os entrevistados encontram para se manterem nas instituições religiosas e as diferentes visões dos entrevistados acerca de suas religiões.

Então, é uma dualidade muito grande porque pelos estudos do catolicismo e por conta dessas questões que são debatidas na igreja, eu não deveria ser LGBT. Mas quando eu vejo por outros estudos e por outro lado dessa questão, de não seguir a 'rixa' na bíblia mesmo, mas se pregar aquilo que foi feito e pelas atitudes que foram tomadas por Jesus Cristo, eu vejo que faz muito sentido eu ser católica, principalmente sendo LGBT, porque eu vejo que quando a gente sofre por alguma coisa, a gente aprende a ter mais empatia pelo outro (P1).

Durante sua fala P1 manteve-se em uma postura corporal ereta, com contato visual, acenava positivamente com a cabeça e mostrava segurança e conforto, como se estivesse convencida do que estava sendo dito.

Mas teve uma vez que eu estava dormindo na rua e chegou um pessoal da igreja que estavam dando comida, aí eu contei a minha história para eles e eles me disseram que Deus me amava desse jeito, que eu havia sido criada desse jeito, que antes eu poderia estar vivendo um erro, mas hoje não porque eu descobri quem eu realmente era. E então foi quando eu decidi me tratar de verdade, sair dessa vida, fui acolhida numa dessas casas para a gente que usa droga e quer sair dessa vida (casa de acolhimento), e a gatinha aqui (referindo-se a si própria) já está limpa (sem fazer uso de substâncias psicoativas) um bocado (bastante) de tempo, e isso me faz ter forças para viver a minha fé sem medo, sabe?! (P2).

Nesse trecho da entrevista, enquanto relatava, P2 mostrou-se eufórica utilizando linguagem carregadas de gírias e expressões corporais próprias de sua vivência. Com orgulho, a entrevistada diversas vezes utilizou atos ilocucionários para enfatizar o que estava dizendo, como gesticulações mais amplas com as mãos, palmas etc. Enquanto relatava, sorria a todo momento, demonstrando orgulho e alegria ao poder narrar um *final feliz* a sua história.

Graças a Deus, hoje eu entendo que às vezes eu preciso distanciar um pouco algumas questões de dentro da igreja, infelizmente, porque eu sei que a opinião própria das pessoas é colocada como a voz de Deus (P3).

P3 mantém uma postura calma, sem demonstrar estresse ou ansiedade ao falar. Pouco gesticula ou aumenta o tom de sua voz. Ao afirmar que “a opinião própria das pessoas é colocada como a voz de Deus”, dá a entender que os discursos religiosos têm uma influência significativa dentro da sociedade. Isso pode justificar o longo itinerário religioso dessas pessoas nas religiões cristãs, principalmente se considerarmos que os discursos discriminatórios predominantes e atos de violência direcionados à população LGBT advém, geralmente, de um fundamentalismo religioso, pautado em uma eugenia social relacionados à moral cristã (Natividade; Oliveira, 2009, p. 147).

Então eu acho que isso é o que a religião quer mostrar para a gente: a gente se sentir bem, aumentar a nossa fé, ter a nossa devoção, para a gente conseguir viver uma vida tranquila e é isso que a gente preza. Então eu não vejo problema algum em estar vivendo meu amor com minha esposa, meu casamento, tocando nesses preceitos, acho que isso é uma coisa que me faz mal. Eu acho que se Jesus estivesse no meu lugar ele não gostaria de fazer o mal para mim. Então se eu me sinto mal por isso, eu vou ignorar e tentar fazer o bem (P1).

P1 neste trecho fala de forma segura, entretanto, apresenta sinais de ansiedade como balançar as pernas ou fazer oponente de seus polegares com as mãos cruzadas, como se, apesar da postura firme, falar sobre sua religiosidade ainda cause certo desconforto, trazendo à tona sentimentos ainda não elaborados “não é que saí do rebanho para me desgarrar, mas porque muitas vezes, eu não encontrava Cristo no meio dos Cristãos (P3)”.

Esse trecho foi o único momento durante a entrevista em que P3 retira-se de sua postura firme e encurva o ombro como alguém que tenta se proteger, como se o fato de não encontrar o sentido de sua fé dentro da comunidade cristã fosse um fator que o fizesse fraquejar diante de suas concepções. Observa-se que P3 muda a expressão de serenidade para o de pesar e tristeza. O discurso mostrou-se importante pois, apesar de simples é rico em significação, indicando acontecimentos (des)estruturantes na vivência do indivíduo. Durante o excerto apresentado, a voz de P3 fica trêmula e ao olhar para o entrevistador indica descontentamento com o que relatava.

Sua acepção de “não encontrar Cristo no meio dos cristãos” apresenta-nos, possivelmente, um fenômeno contemporâneo que ocorre no bojo das matrizes religiosas predominantes que se trata de, cada vez mais, propagarem-se discursos ideológicos e políticos com uma roupagem religiosa. Botelho (2018, p. 19-24) afirma que por trás de um discurso religioso há um discurso ideológico que se esconde atrás de um caráter neutro dentro da sociedade, trazendo conotações que, muitas vezes, fundamentam a forma como a sociedade se porta em relação a determinada situação.

A gente sabe o que o espiritismo fala sobre a questão da homossexualidade, que muitas vezes é um processo de transição do espírito em relação à sua vida passada para essa agora, só que muitos espíritas que estão por aí preferem virar a cara para isso e se vestir das suas próprias opiniões (P4).

Com postura mais sisuda, P4 muda sua expressão facial. Suas sobrancelhas ficam arqueadas, cruza as pernas como se a fala causasse uma necessidade de controle sobre si mesma. Firma a voz e, em um tom mais incisivo, fala sobre seu descontentamento sobre a atitude de terceiros.

Mesmo que em algumas orientações religiosas o discurso sobre a homossexualidade ou bissexualidade seja menos conservador ou ameaçador, a população LGBT ainda carrega consigo um estigma que em muito está ligado às religiões monoteístas, que é a dificuldade na compreensão de sua vivência religiosa. Essa dificuldade nem sempre é acompanhada de uma inclinação das religiões no sentido de entender o processo de afastamento dessas pessoas do contexto religioso, mesmo que esses sistemas ainda exerçam grande influência nos modos de funcionamento social (Busin, 2011, p. 119).

Acho que o amor de Jesus não muda. Eu encontro isso nos meus amigos, e no meu eu, sabe?! Algo mais em ti sem precisar do intermédio dos outros; é óbvio que estar na igreja é importante, estar em comunhão com os irmãos, como diz a palavra de Deus, mas nem sempre é bom, geralmente não é, mas Deus é incrível, Ele se faz presente (P5).

O olhar de P5 mostra-se distante, fixo, como se, ao falar, rememorasse as situações que traz em seu discurso. Seu tom de voz é sereno, entretanto, sua expressão corporal mostra desconforto. Observa-se que o informante traz em sua fala uma visão positiva de Deus, entretanto uma visão negativa em relação ao convívio religioso. A conjunção, *mas*, utilizada após relatar seu pensamento sobre a vivência da religiosidade em comunidade, pressupõe

uma diferenciação entre sua relação pessoal com a figura deífica alvo de sua devoção e sua relação comunitária no ambiente religioso.

Falar sobre suas experiências ainda parece, de certa forma, doloroso. O informante sugere tal percepção ao dizer que nem sempre estar na igreja ou em comunhão com outros fieis é uma experiência benéfica ou edificante para ele, revelando sua percepção separatista em relação à devoção pessoal e à convivência na instituição religiosa.

Para *proteger* sua fé, muitas vezes as pessoas que passam por situações difíceis dentro das instituições religiosas acabam por se privar do convívio com a comunidade, por medo de exclusões e discriminações (Busin, 2011, p. 123).

CONCLUSÃO

A busca por compreender como pessoas LGBTs vivenciam sua religiosidade em sistemas religiosos cristãos permitiu o desvelamento de sentidos de pesar, tristeza e exclusão manifestados diante da negação ou impedimento do exercício de suas religiosidades no contexto religioso de sua escolha e o modo como essa experiência afeta não só a visão que têm sobre si próprios, mas também, a forma como encaram situações corriqueiras da vida cotidiana.

Em contrapartida, também ratificou o caráter ontológico da espiritualidade humana que suplanta qualquer inclinação religiosa e as limitações dela decorrentes. Assim, entre expressões de desconforto e sofrimento, os participantes da pesquisa, à sua maneira, parecem comedir uma expressão religiosa que busca afirmar-se em seus modos de ser-no-mundo.

Nesse caminho, os sentidos atribuídos às ocupações religiosas parecem reforçar a necessidade de busca pelo transcendente e a atitude resiliente em manter-se como parte de um *corpus* que nem sempre os reconhece como parte de si mesmo.

Van Der Leeuw, pensador holandês, usa a expressão *homo religiosus* para defender a ideia de que todo humano é religioso. Ele chama o ateísmo de religião da fuga, a via daqueles que se esquivam do encontro inevitável com a potência e buscam encontra-la nas atividades humanas (Bello, 2004, p. 263-264).

Os participantes da pesquisa, pessoas autodeclaradas religiosas e LGBTs, por sua vez, demonstram almejar esse encontro, buscam essa potência. Essa busca, aditada pelo anseio de redenção, salvação, cura e contato com transcendente, talvez seja a característica que aproxima todas as religiões, o que nos permite valorizar o diálogo inter-religioso.

Para essas pessoas, comungar, frequentar o templo, participar de liturgias, ser aceito e exercer ativamente ocupações significativas de vinculação religiosa desvela um sentido que transpõe o cumprimento de determinados ritos ou liturgias. Trata-se de uma experiência religiosa que se manifesta enquanto ato de resistência diante de estruturas sociais e religiosas que requerem atualização diante do acontecer humano.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Celana; HOLANDA, Adriano. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. In: *Estudos de Psicologia*, v. 27, n. 2, Campinas, 2010, p. 259-268. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/XLzgL8vX67XRNSb83MLk7mn/?lang=pt>. Acesso em 25 de abril de 2023.

BELLO, Ângela. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Bauru: EDUSC, 2004.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: *Em Tese*, v. 2, n. 1, Santa Catarina, 2005, p. 68-80. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em 25 de abril de 2023.

BOTELHO, Marcos. O problema do discurso religioso nas sociedades líquidas e a efetivação do direito fundamental à liberdade de crença. In: *Revista Direito e Liberdade*, v. 20, n. 1, Natal, 2018, p. 113-140. Disponível em http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_boletim_2006/Rev-Dir-e-Liberd_v.20_n.01.06.pdf. Acesso em 25 de abril de 2023.

BUSIN, Valéria. Religião, sexualidades e gênero. In: ROSADO, Maria; LEONARDI, Paula (org.). *REVER – Revista de Estudos da Religião: Desigualdades de Gênero e Religião*. São Paulo: Paulinas; PUC-SP, 2011, p. 105-124. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/issue/view/419>. Acesso em 25 de abril de 2023.

CAVALCANTI, Alessandra; DUTRA, Fabiana; ELUI, Valéria. Estrutura da prática de Terapia Ocupacional: domínio e processo. In: *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo* (26), 2015, p. 1-49. Disponível em <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26iespp1-49>. Acesso em 21 de julho de 2022.

DEWES, João Osvaldo. *Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos*. S/l: s/ed, 2013.

DINIZ, Caetano; PIMENTEL, Adelma. Uma proposta metodológica para Análise do Discurso baseada na hermenêutica de Paul Ricoeur. In: *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, 2022 p. 1-16. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472022000100001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05 de abril de 2022.

FONTANELLA, Bruno; RICAS, Janete; TURATO, Egberto. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. In: *Cadernos de saúde pública*, v. 24, n. 1, Rio de Janeiro, 2008, p. 17-27. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csp/a/Zbfsr8DcW5YNWVky mVByhrN/?lang=pt>. Acesso em 25 de abril de 2023.

FROTA, Ana. O rigor na pesquisa fenomenológica com orientação heideggeriana. In: *Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos (4)*, 2010, p. 1-8. Disponível em <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/11.pdf>. Acesso em 04 de agosto de 20.

GOMES, Dulce; TEIXEIRA, Liliana; RIBEIRO, Jaime. *Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio & Processo*. 4ª ed. Versão Portuguesa de Occupational *Therapy Practice Framework: Domain and Process 4th Edition (AOTA – 2020)*. Politécnico de Leiria, 2021.

GIORGI, Amedeo. Difficulties encountered in the application of the phenomenological method in the social sciences. In: *Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, 2008, v. 8, n. 3, p. 353-361. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/20797222.2008.11433956>. Acesso em 05 de agosto de 2022.

JESUS, Jaqueline. *Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos*. Goiânia: Ser-Tão – Núcleo de estudos e pesquisas em gênero e sexualidade, 2012.

MACÊDO, Shirley; CALDAS, Marcos. Uma análise crítica sobre técnicas de pesquisa fenomenológica utilizadas em Psicologia Clínica. In: *Revista do NUFEN*, v. 3, n. 1, São Paulo, 2011, p. 3-16. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100002. Acesso em 25 de abril de 2023.

MARTÍNEZ, Moraga. Apartheid Ocupacional de las diversidades trans: Importancia y desafío para la Terapia Ocupacional Social. Polyphōnia. In: *Revista de Educación Inclusiva*, v. 1, n. 2, 2017, p. 106-118. Disponível em <https://revista.celei.cl/index.php/PREI/article/view/236/178>. Acesso em 25 de abril de 2023.

DE MELO, Késia. Terapia Ocupacional Social, pessoas trans e Teoria Queer: (re)pensando concepções normativas baseadas no gênero e na sexualidade. In: *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 24, n. 1, 2016, p. 215-223. Disponível em <https://www.cadernosde-terapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1239/701>. Acesso em 25 de abril de 2023.

MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. In: *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 65, n. 2, 2012, p. 361-367. Disponível em <https://www.scielo.br/j/reben/a/tXdvKWGpyYDfKwCWMDHW3ZG/abstract/?lang=pt>. Acesso em 25 de abril de 2023.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, 2009, v. 2, p. 121-161. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322969007>, acesso em 10 de agosto de 2022.

RIBEIRO, Laura Moraes; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. In: *Psicologia & Sociedade*, v. 29, 2017, p. 01-11. Disponível em <https://www.scielo.br/j/psoc/a/DHhdyy85vxNPF7qsSK7Y5my/abstract/?lang=pt>. Acesso em 25 de abril de 2023.

RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação: o Discurso e o Excesso de Significação*. São Paulo: Editora 70, 2009.

SOUSA, Junior; ROCHA, Taiane. Representações Sociais de silêncio, entre travestis, transexuais e transgêneros no Brasil. In: *Revista Periódicus*, v. 1, n. 12, 2019, p. 367-383. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/33822/20883>. Acesso em 25 de abril 2023.

WFOT. *World Federation of Occupational Therapists, 2012. About Occupational Therapy*. Disponível em <https://wfot.org/about/about-occupational-therapy>.

WILCOCK, Ann. *An Occupational Perspective of Helth*. 2ª ed. Thorofare, New Jersey: Slack Incorporated, 2006.

ABSTRACT:

LGBT people are sometimes the target of prejudice in different ways. One of these is related to segregation imposed by dominant religious systems that prevent religious people from engaging in meaningful occupations because of their sexual orientation. The goal of this research is to understand how LGBT people experience their religiosity in Christian religious systems. Five self-declared Christian and LGBT people selected by the snowball sampling method participated in the study. The information obtained through semi-directed interviews, analyzed in the light of Paul Ricoeur's hermeneutics, has unveiled the resilient way in which these people experience their religiosity in religious systems that traditionally segregate them. Among expressions of discomfort and suffering, the participants, in their own way, seem to measure a religious expression that seeks to affirm themselves in their ways of being-in-the-world.

Keywords: Sexual and Gender Minorities; LGBT People; Religion; Occupational Therapy.

Recebido em 03/02/2022

Aprovado para publicação em 08/04/2022